

Apaixonado por JK, Dedé Santana agitou as noites pioneiras da nova capital, em shows com a atriz Ana Rosa

CONCEIÇÃO FREITAS
DA EQUIPE DO CORREIO

Uma noite, a dançarina Ana Rosa apresentava-se no palco da boate Bossa Nova, a mais chique da Cidade Livre. Era uma sátira à história de São João Batista, o santo que foi decapitado a pedido de Salomé. Um "periquito" tentou passar a mão no bumbum de Ana Rosa, a Salomé. Ela reagiu e seu marido, Dedé Santana, foi tirar satisfação. O "periquito", era assim que os militares do Exército eram chamados àquela época, estava acompanhado de muitos outros de sua espécie. Partiram para cima dele. Dedé, paramentado de São João Batista, tentou fugir pelos fundos da boate, junto com seu irmão, Dino Santana.

Estavam tentando segurar a porta que os separava dos "periquitos" irados, quando chegou uma patrulha, com militares da Aeronáutica, que sempre passava pela boate-restaurant para tomar um refrigerante e mordiscar as comidinhas que os donos do estabelecimento lhes ofereciam gratuitamente. Pronto. Estava armada uma briga fenomenal entre as duas forças armadas.

Não fosse a chegada da Aeronáutica, talvez o Brasil não tivesse gargalhado tanto, entre os anos 80 e 90, com Dedé, Didi, Mussum e Zacarias, os inesquecíveis Trapalhões. Muitos dos militares ficaram feridos, "deve ter tido até morte", conta Dino, 68 anos, parceiro de Dedé no *Comando Maluco*, programa de humor do SBT.

Dedé, Dino e Ana Rosa viveram em Brasília nos dois últimos anos antes da inauguração e nos dois anos seguintes. Os irmãos Santana eram donos de um circo-teatro de revista composto de três caminhões, uma lona, uma arquibancada e muitas roupas para os espetáculos. Era o tempo do teatro rebolado, das vedetes, dos esquetes musicais, das fantasias, da paródia, do humor ingênuo que se pretendia malicioso.

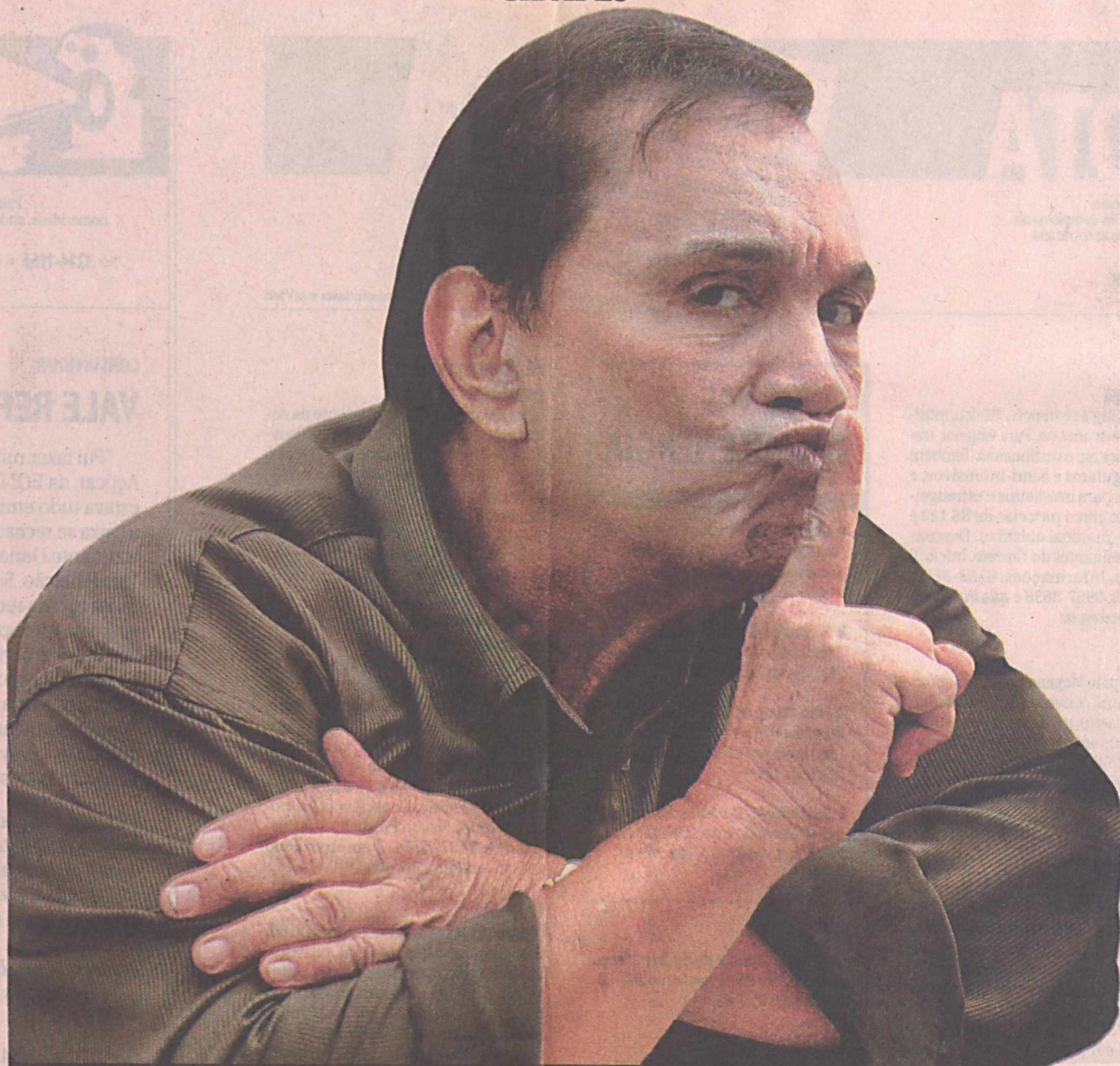
Ana Rosa nasceu num circo, o Circo Teatro Novo Horizonte. Tinha somente 15 dias de vida quando subiu ao palco para representar um recém-nascido abandonado na peça *O mundo não me quis*. Ela tinha 16 anos quando conheceu Dedé Santana, que a contratou, junto com a mãe, para acompanhar o Circo-Teatro Real. Casaram-se logo depois. E vieram descendo São Paulo, atravessando Minas, trupe mambembe.

Terra prometida

Dedé era apaixonado por Juscelino Kubitschek. "Eu morria por causa dele, ficava doente só de ouvir falar dele. Af me deu a loucura de parar em Brasília", conta Dedé, 71 anos. O irmão diz que ficaram seduzidos pelo eldorado, a terra prometida. Venderam os caminhões, alugaram uma casa e montaram o Circo-Teatro Real na Cidade Livre. "A casa ficou realmente muito bonita, classe A. Esse foi nosso erro. A casa não podia ter aquele padrão de qualidade. Tinha de ser o contrário. Ficou muito metida a bacana, muito família", avalia Dino Santana, 50 anos depois.

Na noite da inauguração, Dedé e Dino distribuíram convites para todas as autoridades e gente importante que já vivia em Brasília. Queriam mostrar a eles a qualidade do espetáculo. A casa lotou, mas no dia seguinte não apareceu ninguém. Os dois irmãos foram investigar a causa e descobriram que os garçons haviam cobrado, por conta própria, o couvert, e altíssimo — "uns R\$ 500 em valores de hoje", calcula Dino.

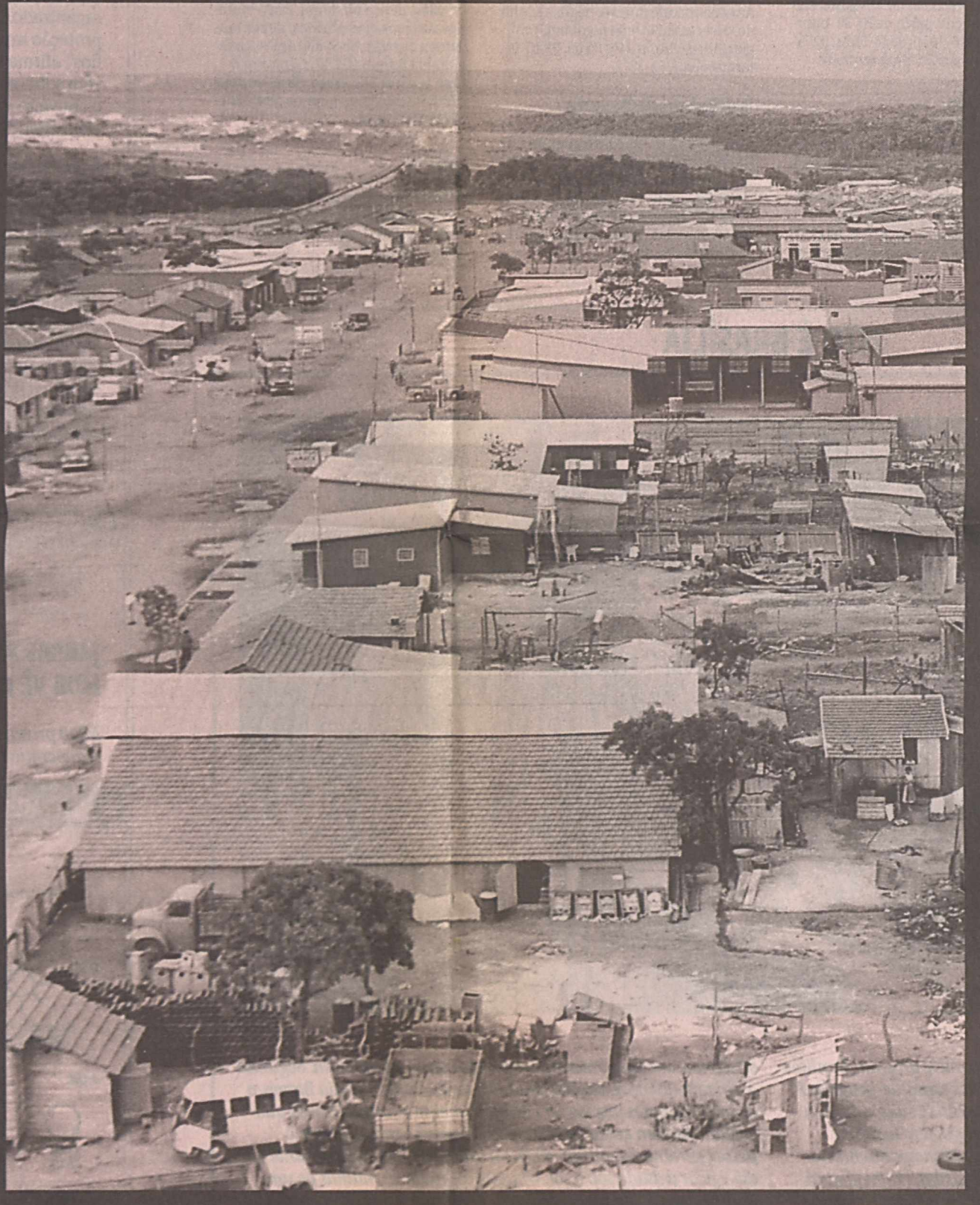
Melhores dias viriam. Dedé Santana era o mestre de cerimônia, ator dos esquetes humorísticos, garçom e



Ana Carolina Fernandes/Folha Imagem-10/2/04

UM TRAPALHÃO NA CIDADE LIVRE

Arquivo/Arquivo Público do DF - 30/9/58



1958

CIDADE LIVRE: CIRCO-TEATRO REAL DE DEDÉ SANTANA E ANA ROSA ATRÁIA CANDANGOS E AUTORIDADES NAS NOITES EMPOEIRADAS DO IMENSO CANTEIRO DE OBRAS, ONDE O BARULHO DOS TRATORES NUNCA CESSAVA

Jorge Rodrigues Jorge/Carta Z Notícias



NASCIDA EM UM CIRCO, ANA ROSA COMEÇOU A ATUAR AOS 15 DIAS DE VIDA

empresário. Uma noite, Dedé contava piadas quando viu, sentado numa mesa de pista, um velho amigo. "Senhoras e senhores, chegou o grande momento da noite. Vou ter o grande prazer de chamar ao palco do Bossa Nova um dos maiores poetas da música popular brasileira, parceiro de Vinícius (de Moraes) e Baden (Power). O meu querido amigo, o compositor Antônio Carlos Brasileiro de Almeida Jobim."

Tropel de aplausos. Dedé vem até a mesa de pista, acompanhado pelo canhão de luz (sim, o Cine Teatro Real tinha canhão de luz), pega o amigo pela mão e o leva ao palco. O trapalhão faz algumas perguntas, o convidado responde. Dedé diz que gosta muito de *Dindi*. O amigo começa a cantar "Ah! Dindi/Se soubesses do bem que eu te quero/O mundo seria, Dindi, tudo, Dindi/Lindo, Dindi". Mais aplausos. O convidado aproveita para descer do palco e voltar para a mesa. Não era Tom Jobim. Era Paulo Netto, cinegrafista da Rádio Nacional, de rosto razoavelmente semelhante ao do compositor, só que bem mais baixo. Foi o próprio Netto quem contou a história no site ofuxico.uol.com.br.

"Montamos a primeira paixão de Cristo no teatro, que hoje se faz muito no Norte e Nordeste. Foi um sucesso tremendo. Muito tempo depois, em Los Angeles, assisti a um espetáculo em que os garçons largavam tudo e iam para o palco dar um show. Isso eu já fazia na Cidade Livre", diz Dedé, o trapalhão orgulhoso de seus feitos.

Condições precárias

Apesar das histórias para sempre guardadas, o trio Dedé-Dino-Ana Rosa não guarda lembranças de todo positivas da passagem pela Cidade Livre. A boate-restaurant não deu o lucro esperado, as condições de vida eram precárias. "Parecia um terremoto, parecia que a gente morava na beira do mar por causa do barulho que nunca parava, dia e noite. A gente ouvia os tratores dia e noite, noite e dia. Era impressionante", conta Dino. "Me lembro do dia da inauguração de Brasília. A gente ficou vendo a chegada das autoridades por um binóculo. Dava para ver tudo", recorda Ana Rosa.

Uma tragédia esperava a família circense. O filho do casal, Maurício, de 1 ano, adoeceu gravemente. Leucemia. Dedé e Ana Rosa largaram tudo e voltaram para São Paulo. O garoto morreu pouco tempo depois, em fevereiro de 1961. No mesmo ano, o casamento acabou. Dino Sampaio ainda ficou mais algum tempo em Brasília. Usufruiu de um apartamento na Asa Norte, destinado aos funcionários da Rádio Nacional. Dedé e Ana Rosa ainda moraram nele antes da doença do filho. "Era lindo demais, parecia um palácio", conta Dedé.

Com o final da aventura Brasília, cada um dos três filhos do circo tomou seu caminho. Dedé ganhou o Brasil com o quarteto mais engraçado do país, donos de algumas das maiores bilheterias do cinema brasileiro. Mas como tudo sempre termina, numa antevéspera de Natal Dedé recebeu um telegrama: era a Rede Globo avisando que ele estava desempregado. Com a morte de Mussum e Zacarias, a emissora preferiu ficar somente com Renato Aragão. "Não me pergunte por que, que eu também não sei", diz ele.

Ana Rosa, 67 anos, é a atriz brasileira que mais fez novelas. Está no *Guinness*, edição do Brasil. "Como dificilmente outro país tenha produzido mais telenovelas que o Brasil, costumam dizer que sou recordista mundial", diz ela, sem nenhuma empáfia no tom de voz. No próximo dia 28, ela começa a sua 55ª novela, *Caminhos do Coração*, na rede Record.